

ECOLOGIA E LITERATURA: a contribuição de Octávio Paz à ecologia global e à educação ambiental

VALDO HERMES BARCELOS

Resumo

Este ensaio tem como objetivo principal fazer uma reflexão sobre a forma como abordamos os diferentes conflitos em nossa sociedade. Minha atenção se volta, neste momento, para os conflitos ambientais contemporâneos. Farei um exercício de diálogo entre a obra literária e a produção de conhecimento, a partir da idéia de que a literatura se constitui em mais uma possibilidade de diálogo com o mundo, na medida em que existe uma relação permanente entre autor(a), leitor(a), texto e sociedade. Tomo como referencial teórico, para este ensaio, as idéias do poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz (1914-1998). Vejo, nas idéias deste autor, mais uma contribuição importante, tanto para o entendimento das possíveis origens dos dilemas contemporâneos, quanto para a construção de alternativas ao modelo atual de sociedade herdado da modernidade ocidental. Neste ensaio, me deterei no estudo e na análise das possíveis contribuições epistemológicas das idéias pazianas para o enfrentamento da crise ecológica nos tempos de pós-modernidade em que vivemos. Os textos analisados fazem parte das Obras Completas, deste autor, publicadas em 15 volumes pelo Fondo de Cultura Económico, México, 1994. Adianto que, embora a obra paziana seja composta de uma diversidade de gêneros literários, será aqui estudada, de forma mais específica, a sua produção ensaística.

¹ Doutor em Educação.
Professor Adjunto do
Departamento de
Administração escolar da
Universidade Federal de
Santa Maria-RS.
E-mail:
vbarcelos@terra.com.br

Abstract

The main objective of this essay is to reflect on the way in which we approach different kinds of conflicts in our society. My attention focuses on the contemporary environmental conflicts occurring at the moment. I carry out a dialog between the literary work and the production of knowledge, taking as a starting point the idea that literature constitutes another possibility of dialogue with the world, given that there is a permanent relationship between the author, the reader, the text and society. As a theoretical framework for this essay, I use the ideas of the Mexican poet and essayist Octávio Paz (1914-1998). I see, in the ideas of this author, another important contribution, both to the understanding of the possible origins of contemporary dilemmas and the construction of alternatives to the current model of society inherited from western modernity. In this essay, I restrict myself to the study and analysis of the possible epistemological contributions of Paz's ideas for confronting the ecological crisis in the post modern times in which we live. The texts analyzed form part of the Complete Works of this author, published in fifteen volumes by Fondo de Cultura Económico, Mexico, in 1994. I would like to state in advance, that although Paz's work is composed of a wide variety of literary genres, my focus here is specifically on his essays.

Palavras-chave:

Educação Ambiental; Ecologia; Literatura Mexicana; Literatura e Sociedade.

Key-words:

Environmental Education; Ecology; Mexican Literature; Literature and Society.

Introdução

Este ensaio tem como objetivo principal fazer uma reflexão sobre a forma como abordamos os conflitos em nossa sociedade. Minha atenção se volta, neste momento, para os conflitos ambientais contemporâneos. Farei um exercício de diálogo entre a obra literária e a produção de conhecimento, a partir da idéia de que a literatura se constitui em mais uma possibilidade de diálogo com o mundo, na medida em que existe uma relação permanente entre autor(a), leitor(a), texto e sociedade.

Na opinião de Candido (2000), a literatura constitui-se em um produto social. Uma construção que se dá na relação do escritor com seu grupo. Para Deleuze (2000), a literatura, como o delírio, tem suas origens na sociedade. Passa, necessariamente, pelos povos, pelas questões étnicas, pelos grupos tribais. Em função desta característica, a literatura, como o delírio, está inscrita no movimento histórico e universal da humanidade. Carrega consigo os dois pólos: doença e saúde. A literatura pode, então, representar um estado doentio, por

exemplo, ao “eleger uma determinada raça pretensamente pura, superior e dominante” e também representar a saúde ao invocar esta raça menor, oprimida que “não pára de se agitar sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona” (DELEUZE, 2000:19). A literatura pode, assim, significar a invenção de um povo, uma possibilidade de vida.

Ao refletir sobre a escrita como forma de comunicação entre os seres humanos, Derrida (1991) lembra que se escreve com o objetivo de comunicar alguma coisa para alguém. A linguagem, tornada permanente pela escrita, é uma maneira de nos comunicarmos com alguém ou algum grupo de pessoas. Significa buscar o diálogo com aquele ou aquela que está ausente. Para Derrida, a escrita configura-se em um importante veículo de comunicação, à medida que acontece em um contexto, o que faz com que o caráter representativo da comunicação escrita seja um traço importante na elaboração dos “progressos a provir” (1991:353). Sobre esta relação entre sociedade e literatura, Octávio Paz afirma existir uma relação muito forte e complexa entre obra e história. Paz vê, como fundamental, o entendimento da relação existente entre leitor(a), texto literário e autor(a), pois, na sua opinião, em toda a sociedade existe um sistema de proibições e autorizações (1994). Residiria, aí, o domínio daquilo que se pode ou não fazer. O sistema de repressão vigente repousa sobre este conjunto de regras que, não raro, desconsidera nossas opiniões e desejos. Neste sentido, podemos afirmar que a literatura, ao ser entendida como um discurso que acontece na e pela sociedade, não pode ser vista de forma apartada, isolada da cultura desta sociedade na qual está inserida.

Tomo, como principal referencial teórico para este ensaio, as idéias do poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz (1914-1998). Vejo nas idéias deste, que foi um dos grandes intelectuais latino-americanos, e quiçá do mundo, mais uma contribuição importante, tanto para o entendimento das possíveis origens dos dilemas contemporâneos, quanto para a construção de alternativas ao modelo atual da sociedade herdado da modernidade ocidental. Neste ensaio, me deterei no estudo e análise das possíveis contribuições epistemológicas das idéias pazianas para o enfrentamento da crise ecológica nos tempos de pós-modernidade em que vivemos. Os textos analisados fazem parte das Obras Completas, deste autor, publicadas em 15 volumes pelo Fondo de Cultura Económico, México, 1994. Adianto que embora a obra paziana seja composta de uma diversidade de gêneros literários, será aqui estudada, de forma mais específica, a sua produção ensaística.

Do pensamento único ao caminho do meio: repensando modelos

Em seu livro *Los hijos del limo* (Os filhos do barro, 1972), Octávio Paz defende que a analogia é a ciência das correspondências. Contudo, é uma ciência que não sobrevive sem as diferenças. Precisamente porque isto não é aquilo, é possível

colocar um ponto a mais entre isto e aquilo. A analogia, assim, não anula as diferenças. Ao contrário, as redime. Torna tolerável sua existência. Quero, a partir desta idéia paziana, iniciar uma reflexão sobre a possibilidade de se romper com o monólogo existente quando se encontram dois opostos ou diferentes. (Des)encontro deste tipo, não raro, acontece quando se trata de discutir e/ou tentar entender as questões ecológicas contemporâneas. Não se trata, aqui, de esconder as diferenças. Não concordo, muito menos defendo a anulação de qualquer um dos contrários. Trata-se de colocá-los em diálogo. Pois é a partir deste diálogo que, acredito, se poderá “inventar” alternativas de intervenção nas questões ecológicas, principalmente, via processo educativo. Estou me referindo, particularmente, a elementos e/ou práticas pedagógicas em educação ambiental na escola.

Essa busca de cooperação, entre aquilo que costumeiramente acreditamos serem pensamentos e/ou ações irreconciliáveis, está muito presente no pensamento de Octávio Paz. Vários são os momentos de sua obra, onde esta aposta na cooperação, na fraternidade, na busca de uma relação de proximidade entre os distantes, aparece com muita força. A esta característica do pensamento de Octávio Paz, Rodolfo Mata (1999: 95) chama de “estruturação de conceitos via paradoxo”. Mata cita, como exemplos desta utilização do recurso do paradoxo, a maneira de aproximar a universalidade dentro da particularidade, encontrada em suas meditações acerca da identidade do mexicano; o paradoxo da eternidade dentro da sucessão, implícito em sua teoria da experiência; e o paradoxo do vaivém do ego entre si mesmo e a “outridade” – presença do estranho dentro de nós mesmos – tema que permeia, significativamente, sua produção poética (MATA, 1999).

Chamo a atenção para outros exemplos presentes na obra de Paz e que considero pertinentes à sua discussão para o entendimento das questões ecológicas contemporâneas, tais como: os aspectos globais e os locais da mesma questão; a relação entre o artesanal e o industrial; os nacionalismos e universalismos culturais; a autonomia e a dependência; o qualitativo e o quantitativo; o objetivo e o subjetivo; o desejo, a paixão e consciência/razão e, ainda, sem encerrar a lista, a relação e/ou representação de tempo nas suas três dimensões: passado, presente e futuro. Poderíamos dizer que são todas dimensões das nossas idéias e, conseqüentemente, possíveis condicionadores de nossas representações de mundo. Ressalto que a idéia de opostos, em Paz, vai além da lógica da exclusão, do isto ou aquilo. Seu método não se ampara na seqüência binária de causa e efeito e sim, em uma complexa teia de relações que tem origens diversas, como por exemplo, na filosofia oriental que em muitos momentos fertiliza tanto sua obra poética quanto a ensaística. Esta característica faz com que o texto de Paz não possa ser acusado de buscar uma síntese que anule ou dilua as diferenças em nome de uma superação maior, unificadora. Ao estabelecer uma relação complexa entre os ditos contrários, o método de Paz se diferencia da dialética hegeliana na medida em que não se submete à sua lógica de processo de etapas sucessivas. Em Paz, tese e antítese podem acontecer de forma concomitante, residindo, neste fato, o paradoxo do seu pensamento. Ao analisar esta característica do texto paziano, Maciel (1995) afirma que a construção textual paziana amplia a lógica hegeliana, na medida em que vai pela via da contigüidade sem descuidar da temporalidade.

Octávio Paz, ao refletir sobre a passagem do modelo de produção artesanal para o industrial, o faz através de uma análise da representação sobre uso e contemplação presentes na arte moderna. Para ele, a arte moderna é muito condicionada pela idéia do funcional, do útil. Uma demonstração disto é que o ideal estético da arte funcional consiste “em aumentar a utilidade do objeto na proporção direta da diminuição de sua materialidade. A simplificação das formas se traduz na seguinte fórmula: o máximo de rendimento corresponde ao mínimo de presença” (1994: 67). No mundo do trabalho ou da produção fabril/industrial, esta relação também logrou ocupar importantes espaços na sociedade moderna, à medida que cada vez mais o processo produtivo buscou diminuir a presença numérica de pessoas, ao mesmo tempo em que buscava aumentar, o máximo possível, o rendimento individual de cada um(a). A sociedade moderna e sua produção industrial mostraram-se incapazes de associar o gosto pela beleza e a utilidade. Uma coisa, um objeto, eram valorizados pela sua capacidade de “servir ou não” para algum fim. Enquanto isto, os objetos resultantes da produção artesanal não se impõem, apenas e exclusivamente, pela sua utilidade. Ao contrário, estabelecem uma relação de “cumplicidade” com a estética. A contemplação tem um lugar a ocupar junto ao grau de utilidade daquilo que se produz.

Curiosamente, há um momento em que os objetos da produção industrial acabam também adquirindo um valor estético. Este momento seria delimitado, segundo Paz, pela perda de sua utilidade funcional, quando perdem seu valor de uso. Paz cita, como um exemplo disto, as locomotivas que quando passaram a não mais transportar, em seus vagões, nem cargas, nem mercadorias, nem passageiros, então sim, transformaram-se em “monumento imóvel à velocidade” (1994: 67). Mais paradoxal ainda é o fato de que estes artefatos passam, agora, a servir como uma possibilidade de retorno ao mesmo passado tão veementemente desprezado pelo ideário moderno, em nome de uma apologia da busca do progresso e do futuro, como os lugares da felicidade humana. Para Paz, essa fixação pelas máquinas e artefatos em desuso revela uma fissura na sensibilidade moderna. Mostra nossa incapacidade de associar a beleza com a utilidade. O autor vê, na produção artesanal, um belo exemplo de mediação possível entre o apenas útil e a beleza, pois o artesanato, ao mesmo tempo em que não abre mão da beleza, do adorno, do detalhe, não despreza a utilidade daquilo que é produzido. A esta relação de diálogo, a este vai e vem, entre utilidade e beleza, Paz chama “prazer”.

A produção artesanal deixa espaços para a imaginação sensível, pois permite a transformação de algo que era apenas útil, num momento, em algo de estético, em outro. Um jarro, tanto pode servir para fornecer água como pode amparar flores sobre uma mesa, permitindo “desvio e interrupção que conectam o objeto com outra região da sensibilidade: a imaginação. Esta imaginação é social. Em sua perpétua oscilação entre beleza e utilidade, prazer e trabalho, o objeto artesanal nos dá lições de sociabilidade” (1994: 69). Outra diferença vista por Paz entre o artesanal e o industrial, e que acredito ser importante para a compreensão das questões ecológicas contemporâneas, é o fato de que, enquanto a técnica é internacional, tendo suas construções e desdobramentos muito semelhantes nas mais diferentes regiões onde é executada, levando, com isto, em muitos casos, a uma supressão das particularidades regionais e locais, o artesanal é, ao contrário, local. Tem sua pertinência, justamente, no fato de ressaltar as

características próprias da sua região, da cultura local. Se por um lado, a técnica moderna tem um grande poder de uniformização, por outro, carrega consigo uma capacidade também muito grande de desagregação das peculiaridades regionais e locais. Ou seja: uniformiza, porém, não une. Ao fazer esta uniformização sem respeitar as peculiaridades, acaba levando àquilo que Paz denomina de um empobrecimento do mundo, pois desconsidera as diferenças entre as distintas culturas e estilos nacionais, porém “não extirpa as rivalidades e os ódios entre os povos e os Estados. Depois de transformar os rivais em gêmeos idênticos, os arma com as mesmas armas” (1994: 70).

Nessa capacidade de aniquilamento das diversidades culturais, reside o perigo e o lado nocivo da técnica e não em algo intrínseco absolutamente mortífero de certas criações suas. A este processo de homogeneização decorrente da técnica moderna, Paz contrapõe, como mediação criadora, o processo de produção artesanal que, ao invés da extirpação do outro, o respeita, na medida em que convive com ele. Enquanto a técnica deixa intacta a agressividade humana, sob seu processo de nivelamento e homogeneização, a produção artesanal nem sequer é nacional. É local. Indiferente às fronteiras e aos sistemas de governo e sobrevive às repúblicas e aos impérios.

A ferraria, a cestaria e os instrumentos musicais que aparecem nas pinturas de Bonampak sobreviveram aos sacerdotes maias, aos guerreiros astecas, aos padres colonialistas e aos presidentes mexicanos. Os artesãos não têm sequer pátria: são de sua aldeia. Os artesãos nos preservam a fecundidade da história. Seu chefe não é um personagem invisível preservar as, mas sim, um velho que é seu mestre e que quase sempre é um parente ou, pelo menos, seu vizinho (1994: 71).

As diferenciações entre esses dois modelos são infinitas e de grande repercussão sobre as formas de vida em sociedade. Não cabe, no entanto, uma contraposição pura e simples entre eles. O que precisa ser buscado é o estabelecimento de uma relação de mediação entre estas duas representações do modo de produção de existência. Aprofundar a possibilidade de convivência entre os paradoxos. Tal aproximação já pode ser constatada em muitos territórios do planeta, principalmente naqueles onde as conseqüências indesejáveis da ideologia do progresso sem limites e a qualquer preço já se fazem sentir de forma mais evidente. Assistimos, hoje, embora de forma lenta, a um retorno a algumas práticas de artesanato em vários países da Europa e também nos Estados Unidos da América. Essa mudança está a denunciar transformações importantes nas sensibilidades humanas em construção, em uma sociedade de orientação para valores e atitudes pós-modernas. Paz (1994: 72) vê esta situação como sintoma de que “estamos frente à outra expressão da crítica da religião abstrata do progresso e da visão quantitativa do homem e da natureza”. Certamente, este processo de descrédito na ideologia do progresso ainda é muito incipiente em países como, por exemplo, o Brasil. Uma das causas disto é que, como muito sabiamente afirma Paz (1994: 74), “nada se aprende na cabeça dos outros”. Ou seja: vivemos ainda sob a apologia de modelos que já se mostraram em exaustão em outras sociedades,

sem, contudo, aprendermos com as experiências destas. No entanto, “a sociedade moderna começa a duvidar dos princípios que a fundaram há dois séculos e busca mudar de mundo. Oxalá não seja demasiado tarde” (PAZ, 1994: 73).

Como se pode perceber, paradoxalmente, é nas sociedades pós-industriais que se (re)valoriza a produção artesanal. Este é mais um belo exemplo da necessidade de (re)avaliarmos nossas representações de mundo e nossas formas de existência, onde a convivência entre os aparentemente opostos seja possível, sem a anulação nem de um nem de outro, mas que, ao contrário, se busque o que neles possa contribuir para uma vida que respeite a diversidade, a autonomia e a cultura de cada ser vivo. O pensamento ecologista libertário debate-se com esta proposição desde suas origens.

Dilemas locais e conflitos globais, em tempos de pós-modernidade

Ao tratar das dualidades e/ou da dupla face do nacionalismo ou nacionalismos, no seu texto *Respostas Novas a Perguntas Velhas* (1992), ao responder a pergunta feita por Juan Cruz, se “o nacionalismo é um bem ou um mal”, Paz responde que “as duas coisas”. O nacionalismo pode construir ou destruir. Assim como originou tiranias e as guerras da Idade Moderna, também foi o responsável pela criação de várias instituições como o Estado-Nação moderno de onde advém “a língua, a literatura, as artes, os costumes e, enfim, tudo o que chamamos cultura, sem excluir nem mesmo a ciência, é a consequência de um fato básico, primordial: as comunidades humanas, as nações” (PAZ, 1994: 486).

Ao mesmo tempo em que reafirma a dualidade dos nacionalismos, Paz reforça, com a resposta dada a Juan Cruz, a afirmação de que não podemos dissociar as artes, nem mesmo a ciência ou as ciências, de sua época, de seu espaço e de sua cultura, pois, segundo ele, como imaginar a existência, por exemplo, de Newton e de Shakespeare sem a existência da Inglaterra? De Galileo, Racine e Descartes sem as suas nações, Itália e França? Por outro lado, este fim de século que ora vivemos põe fim, também, à última grande ideologia e/ou representação internacionalista/universalista da história recente: o comunismo. Concomitantemente a estes encerramentos, a estes processos de desmoronamento das grandes verdades históricas e científicas, temos muito presente um movimento ascendente do redescobrir, do renascer ou do recrudescer dos nacionalismos e da retomada de busca de identidades étnicas, religiosas, culturais, até então subsumidas em uma homogeneização artificialmente construída. Uma demonstração concreta desta situação é a busca de reafirmação das pequenas nacionalidades, principalmente nos países do continente europeu. O final do século XX foi caracterizado pelo retorno de crenças e idéias, as quais estão dando origem a movimentos que acreditávamos estarem definitivamente extintos da história humana. Ao comentar estes ressurgimentos, Paz faz uma

observação bastante importante, à medida que os coloca como uma contraposição à idéia de revolução, um dos paradigmas da sociedade moderna que se esgotou no século XX. Esse cenário é assim representado por Paz em *Tiempo Nublado*

Se uma palavra define estes anos, essa não é revolução, mas sim, revolta. Porém, não revolta apenas no sentido de distúrbio ou mudança violenta de um estado a outro, mas, também, no sentido de uma mudança que o regresso às origens. Revolta como ressurreição. As grandes convulsões sociais dos últimos anos têm sido ressurreições. Entre elas a mais notável é a do sentimento religioso, em geral associado a nacionalismos: o despertar do Islam; o fervor religioso na Rússia depois de meio século de propaganda anti-religiosa e revolta, entre as elites intelectuais deste país, contra modos de pensar e filosofar que acreditavam extintos, como o nazismo (1994: 333/334).

O ressurgimento destas tentativas de organização de “pequenas nações” é visto, por Octávio Paz, como o lado positivo destes nacionalismos e da busca de afirmação étnica. É um acontecimento louvável por vários motivos. Entre eles está o fato de que, em geral, a quase totalidade, destas, tiveram seu nascimento no período da Idade Média, contudo, conseguiram manter suas identidades mesmo sob mais de cinco séculos de opressão e dominação pelos grandes Estados-Nações modernos. A convivência entre os grandes Estados-Nações clássicos da modernidade com as novas “pequenas nações”, e suas identidades nacionais emergentes, está a exigir mudanças radicais na forma de organização da sociedade. Sintetizando: para que os grandes Estados-Nações, clássicos da modernidade, possam manter-se terão que se reorganizar em suas estruturas internas e externas. Uma questão fundamental a ser repensada neste cenário, em construção, é a representação que se tem de soberania das nações. Se hoje esta é tida como algo absoluto, precisa ser repensada como uma construção relativa. Um exemplo de questão que está, a meu ver, denunciando a falência desta idéia de soberania nacional é, justamente, a questão ecológica contemporânea.

As questões ecológicas tiveram e estão tendo um papel decisivo no repensar da representação moderna clássica de soberania dos povos. A dimensão planetária das questões ecológicas está a exigir um novo olhar sobre a forma de relacionamento entre as Nações.

Essa mudança é das mais desafiadoras para a relação entre as nações contemporâneas. Difícil de pensar, mais difícil ainda de concretizar. Os componentes em jogo vão do econômico ao religioso, passando pelo intrincado universo das paixões e ódios construídos e alimentados durante séculos de explorações e guerras entre os povos. A construção desta transição implica, na opinião de Paz (1994: 53), em entender que:

O nacionalismo introduz um elemento passional irreduzível à razão, intolerante e hostil a ponto de vista alheio. O mais grave: é uma paixão contagiosa. Fundada no particular e na diferença, se

associa com tudo o que separa uma comunidade da outra: a raça, a língua, a religião. Sua aliança com esta última é freqüente e letal por duas razões: porque os laços religiosos são os mais fortes e porque a religião é por natureza, como o nacionalismo, uma reação à razão. Ambas se fundam na fé. Em algo que está além da razão.

Para Paz, se não formos capazes de interligar essas questões em universos mais amplos de compreensão e diálogo, sua proliferação nos levará ao caos político e, em seguida, à guerra. Ao mesmo tempo em que precisamos aceitar, muito mais que isto, defender o direito das etnias em buscar sua organização, livre e autonomamente, há que se buscar um processo onde a paixão que fortalece e dá vida às nossas idéias não seja cegada pelo ódio que a deformaria, transformando-a em obstáculo. Não em uma porta para passagem, mas sim, em parede que divide, que separa. Ao mesmo tempo em que as culturas precisam manter suas identidades, que são a riqueza do processo histórico, elas precisam da relação com as demais culturas como forma de construir a diversidade formada, justamente, pela particularidade de cada povo em sua construção histórica. Sendo as culturas híbridas, o diálogo entre elas é que poderá nos levar a reconhecer suas particularidades e diversidades, num processo permanente de fusão entre elementos distintos e, até mesmo, muitas vezes contrários (PAZ, 1994).

Uma das questões que, a meu ver, está a desafiar a representação clássica de Estado-Nação e exigindo a construção de novas relações é justamente a questão ecológica que, aqui, neste trabalho, procuro estudar.

As questões ecológicas, como já afirmei anteriormente, estão a desafiar, a curto-circuitar as fronteiras clássicas dos países, as quais, até então, conseguiam dar conta dos desafios enfrentados pela sociedade. Hoje, no entanto, com a planetarização das relações, essas fronteiras são de outro tipo, obedecem a outras lógicas e representações de poder, cultura e mesmo de processos econômicos. Diria que as fronteiras continuarão existindo. Só que terão outras conformações. As questões que envolvem a ecologia têm, e cada vez mais terão, forte influência sobre as nossas futuras representações de limites e de fronteiras no planeta-terra. No texto *Guerra, Sexualidade, Ecologia* (1992), ao comentar o papel do movimento ecologista, neste cenário, Octávio Paz é explícito em afirmar sua importância para a construção de uma nova representação de mundo a partir da reestruturação global do planeta. Ao mesmo tempo em que ressalta a importância da ecologia como um movimento nascente e de grande poder aglutinador entre os homens e mulheres contemporâneos, alerta para os perigos de cair-se no discurso fácil e oportunista que, em geral, está presente nos “adeptos de última hora” às causas emergentes e que dão notoriedade. Como forma de estabelecer diferenças entre o discurso fácil e demagógico em relação às questões ecológicas, e a busca persistente e ética de uma nova relação de homens e mulheres no planeta, Paz chama a atenção sobre o fato de que o discurso ecológico, por razões fáceis de entender, pode degenerar para demagogia e manipulação política. As ideologias vencidas retornam aos debates sob a máscara da ecologia.

Ao mesmo tempo em que faz esse importante alerta sobre os oportunistas de última hora e seus discursos “ecologistas” superficiais, ao refletir sobre as questões

ecológicas contemporâneas, Paz não descarta a importância dos temas clássicos que surgem na sua discussão: crescimento populacional, poluição do ar, solo, águas, destruição das florestas, exploração econômica dos bens públicos, precariedade das relações e modo de vida de grande parte dos trabalhadores, usos inadequados da tecnologia, mercado global etc. Além desses temas clássicos e recorrentes da discussão sobre as questões ecológicas, Paz ressalta, também, uma dimensão que julgo fundamental: a luta pela democracia e pelo aprofundamento das liberdades individuais e das ditas “minorias”. Enfim, fala da busca da autonomia de homens e mulheres em relação aos poderes de dominação nas suas mais diferentes formas instituintes e instituidoras da sociedade. Para Paz, embora as questões econômicas tenham um papel muito importante, em se tratando dos problemas que envolvem o ambiente, elas não podem ser vistas como as únicas causadoras dos graves desastres ecológicos contemporâneos. Nem mesmo o papel atribuído ao “mercado capitalista”, em sua ganância exploradora e seu projeto homogeneizador de costumes e hábitos de consumo, pode ser “satanizado” a ponto de ser eleito o grande responsável por todos os nossos graves problemas ecológicos.

Para justificar sua opinião, Paz cita o exemplo dos países comunistas e/ou socialistas da Europa Central e da antiga União Soviética, nos quais a orientação econômica teve outro sentido que não o sistema capitalista de organização do sistema produtivo, nem tampouco seguindo as leis do mercado capitalista de produção e negócios. No entanto, os problemas ecológicos por eles enfrentados foram e permanecem tão graves quanto os do mundo capitalista. Não se trata, é importante frisar, de eximir nem o mercado nem o sistema capitalista de suas responsabilidades em relação aos problemas ecológicos contemporâneos. Uma prova disso é a resposta que Octávio Paz dá à pergunta acerca da responsabilidade do mercado sobre a destruição do meio ambiente. Na sua opinião, este é um grande agente destruidor, porém não é o único, como não o são, a explosão demográfica ou a sede por terras dos agricultores. A causa é mais antiga. É nossa atitude frente à natureza (1994). Uma atitude, de homens e mulheres, cuja representação de natureza hegemônica nada mais significava que um “recurso natural”, uma propriedade a serviço de nossos projetos de “desenvolvimento” e um mero objeto de nossa representação de futuro e progresso. Trago, novamente, uma importante reflexão feita por Octávio Paz sobre a forma como a representação de natureza, da sociedade moderna, tem vínculos de autonomia e de dependência em relação aos processos histórico-culturais e políticos da sociedade. Na opinião de Paz (1994: 493), a modernidade não tem início com o mercado, mas sim com a mudança espiritual nas consciências que ocorreu com o nascimento da ciência e da técnica. A Idade Moderna, ao dessacralizar a natureza, a transformou em um imenso objeto de experimentações, ou seja, “num laboratório”.

Essa transformação de tudo o que existe em um imenso laboratório, aliado a uma representação hegemonicamente econômica, acabou por transformar tudo, ou quase tudo, em um grande negócio, um tipo de comércio onde até mesmo os seres humanos passaram a ser vistos como mais uma mercadoria. Um espaço de negociação onde o econômico tem tido prioridade sobre o ético, o afetivo, o

estético, o político. Enfim, um processo que precisa ser repensado radicalmente. Num primeiro momento, pode parecer que a análise empreendida por Octávio Paz, sobre as questões ecológicas, é exclusivamente pessimista e que ele não acredita em alternativas para o processo de invenção de novos caminhos. Contudo, isto não é verdadeiro. Ao mesmo tempo em que Paz faz uma crítica radical e uma análise bastante dura da realidade das relações no mundo contemporâneo, incluindo, aí, as questões ecológicas, não deixa de apontar alternativas em suas reflexões. Sua opinião sobre o movimento ecologista mundial e suas possibilidades de promover mudanças é bastante explícita em muitos momentos de sua obra. Coloca-o ao nível de outros movimentos políticos que, na década de 60, começaram um processo de questionamento da “ordem estabelecida” e se consolidaram nas mais diferentes regiões do planeta, e o que é também da maior importância: continuam com pertinência e tenacidade permanentemente renovadas. Ao comentar sobre as potencialidades do movimento ou corrente de pensamento ecologista, Paz a ele se refere dizendo que este se constitui na grande novidade histórica surgida no século XX. É “um movimento que terá uma importância análoga ao que teve o feminismo há vinte anos atrás. O feminismo mudou muitas de nossas atitudes tradicionais e o mesmo ocorrerá com o ecologismo” (1999: 492).

Uma dessas mudanças de atitude a que se refere Paz é, justamente, a desconstrução da representação de natureza como uma propriedade, como algo “estúpido e bruto” (PRIGOGINE & STENGERS, 1991) e a construção de uma(s) representação(ões), onde se possa restabelecer algo que Paz (1994: 492) chama de “a fraternidade cósmica, desaparecida com o advento da era moderna”. Um pequeno poema recitado aos estudantes, em uma casa universitária de Madrid, sintetiza esta outra possibilidade de representação sobre o chamado “mundo natural” e diz um pouco também desta “fraternidade cósmica” de que nos fala Paz.

“Soy hombre: duro poco/Y es enorme la noche/Pero miro hacia arriba/Las estrellas escriben/Sin entender, comprendo/También soy escritura/Y en este mismo instante/ Alguien me deletrea”.

Outra faceta, que aparece em muitas ocasiões em um certo discurso ecológico oportunista e desconhecedor da história do movimento ecologista, é uma representação de natureza como um lugar idílico. Um paraíso perdido em um tempo arcaico. Tal discurso, via de regra, prega o retorno a um passado imemorial onde tudo era harmonia, onde homens e mulheres viviam em uma espécie de comunhão religiosa com a “natureza sagrada”. A visão instrumental da sociedade moderna acabou por retirar do chamado “mundo natural” ou da “natureza” todo e qualquer valor que não fosse o econômico. Isto ficou muito explícito na transformação de tudo o que existe em mercadoria, inclusive homens e mulheres. A crítica a esta destituição e a esta dessacralização não significa uma transformação dessa mesma “natureza” em um novo espaço deificado. Ao contrário, a compreensão desse processo precisa servir como aprendizado para as sociedades contemporâneas que buscam romper com certos valores da modernidade.

Podemos encontrar na obra de Paz, ao lado da crítica a esta dessacralização e a esta representação de “natureza”, exageradamente antropocêntrica, uma importante reflexão sobre esta representação atávica de uma “natureza como o lugar da harmonia criacionista”.

No texto “Guerra, Sexualidade e Ecologia” (1992), Paz adverte que a crença moderna no progresso se funda na idéia de dominação da natureza pela ciência e pela técnica. Uma crença, segundo ele, totalmente equivocada, pois a julgar pelos seus resultados “ao mesmo tempo admiráveis e abomináveis. Contudo, os homens esqueceram algo essencial: dominar sua própria natureza. Então, como se atreve a dominar as forças naturais se não consegue dominar a si próprio? (PAZ, 1994: 494/495).

Ao se referir ao começo de uma outra época, Paz alerta para o fato de que é necessário entender que nesta o tempo precisa ser representado de uma forma diferente daquela que foi tradicionalmente feita na modernidade. Nesta, tivemos uma representação linear do tempo, através do qual via-se um percurso inevitável para o processo de evolução da humanidade: uma lógica histórica ascendente, única de evolução do tempo: passado, presente e futuro. Esta representação de tempo, como uma passagem sucessiva de uma fase a outra, foi decisiva para a consolidação da modernidade ocidental. Uma demonstração disto é dada pelo fato de que as diferentes representações de tempo são construções sociais datadas. A representação de tempo é uma criação coletiva de cada sociedade. É como uma metáfora criada por cada sociedade em sua época. Não é o resultado criado apenas por alguns cientistas ou mesmo poetas. É construída, segundo Paz (1994:352), “por um povo inteiro”. Ele faz questão de dizer que com essa revisão sobre as representações de tempo, não está, naturalmente, afirmando que nos dias atuais o tempo passe com mais velocidade. O que o autor afirma é que, no mundo contemporâneo, acontecem mais coisas em um mesmo espaço de tempo em relação a outras épocas da história. Está se referindo ao fato de que vivemos em uma sociedade em que a aceleração e a fusão estão permanentemente acontecendo. São mudanças que, inegavelmente, estão a desafiar nosso modo de vida sobre o planeta. Seria como se “todos os tempos e todos os espaços confluem para um aqui e agora” (PAZ, 1994: 337). Paz fala de um ocaso da representação moderna de futuro, de um fim do período denominado de modernidade. A partir dessa afirmação, o autor passa a refletir sobre uma nova época que se avizinha, um tempo ainda sem rosto, uma época ainda sem nome. Mas que, certamente, será um tempo não mais definido pelos ditames clássicos da modernidade, tais como: a representação de tempo como uma construção linear; a representação de futuro como algo garantido e sinônimo, inevitavelmente, de mundo melhor; a representação de progresso como algo definitivamente assegurado a partir de um ideário pautado nos “avanços” da ciência e da técnica modernas. Para Paz, é decisivo compreender-se que o momento de transição em que estamos mergulhados não mais pode abrir mão de aceitar que o presente precisa ser encarado como algo que tem um valor a ser imediatamente gozado.

Não há, partindo dessa premissa, que esperar pelo futuro para ter os resultados daquilo que se quer construir e/ou desfrutar, pois, para Paz (1994), aquele que

constrói sua casa da felicidade apenas levando em conta o futuro, estará, inevitavelmente, construindo cárceres no presente, castelos que mais se parecem com prisões da felicidade no cotidiano da vida de cada dia. Na sua opinião, as mudanças que estão acontecendo hoje, ocorrem em uma velocidade tal, que estão a “destronar” a representação clássica de futuro como algo a ser perseguido indefinidamente. Essa representação de Paz sobre a relação passado/ presente/ futuro está muito de acordo com uma das questões fundadoras do pensamento ecologista: a defesa do aqui e do agora, com a (re)descoberta do cotidiano e das ditas “pequenas ações” como ponto de partida para a mudança do nosso modo de vida no planeta-terra. Assim como uma importante e desafiadora alternativa de desconstrução de representações sobre valores, crenças, conceitos e pré-conceitos em relação ao processo de vida cotidiana, local e planetária.

Não se deve esquecer que a defesa do cotidiano, do aqui e do agora – como um espaço de construção de liberdade e autonomia de homens e mulheres – pelo movimento ecologista libertário, e também por outros movimentos contestatórios da década de 60, foram os desencadeadores de inúmeras transformações nos hábitos da sociedade contemporânea. Em seu livro *Los hijos del limo* (1972), Paz, ao analisar as mudanças ocorridas na sociedade moderna, principalmente no seu ocaso, é taxativo ao afirmar que no mundo das artes as mudanças estão sendo radicais. Uma dessas mudanças é decorrente do desmoronamento de um dos núcleos fundantes da sociedade moderna: a negação. Na opinião de Octávio Paz, o fim da modernidade e da sua representação de futuro se apresenta, na arte e na poesia, como uma aceleração que dissolve tanto a noção de futuro quanto a de mudança. O futuro é transformado rapidamente em passado. Passamos a ser “testemunhas de outra transformação: a arte moderna começa a perder seus poderes de negação. Desde muitos anos suas negações são repetições rituais: a rebeldia convertida em procedimento, a crítica em retórica, a transgressão em cerimônia” (1994: 471). Com isso, a negação perdeu sua capacidade criadora. Neste sentido, a Idade Moderna, entre tantas transformações, realizou uma considerada fundamental sobre a representação do tempo: o passado, que para as sociedades antigas era o lugar da felicidade, o lugar dos sonhos realizados, foi destituído de seus atrativos e, em seu lugar, foi instaurado o futuro, visto, agora, como o lugar das realizações, o lugar do paraíso a ser alcançado. A chave para essa realização foi/é a idéia de progresso, segundo a qual, o futuro seria melhor. Sempre o melhor. A filosofia de apologia ao progresso foi a sustentação da idéia de futuro como o lugar da felicidade. Portanto, o paraíso a ser alcançado por homens e mulheres modernos. Paz (1999: 232) sintetiza essa situação, dizendo que para os modernos “a sociedade de hoje é melhor que a sociedade de ontem, mas a sociedade de amanhã será muito melhor que a de hoje”. No entanto, para Octávio Paz, estamos, hoje, vivendo uma crise frente a uma das idéias centrais da modernidade: a idéia de futuro e de progresso. Isto, contudo, na sua opinião, não deve significar uma deificação, uma pregação de volta ao passado, mas sim

O reconhecimento de uma mudança que se processa pouco a pouco – se vê sobretudo na atitude dos jovens e em outros muitos indícios de nossa época; por exemplo, no renascimento do movimento de veneração pela natureza; a idade moderna pensava

que a natureza era um inimigo da espécie humana, que era preciso vencer: é preciso dominar a natureza, dizia-se. Agora, damo-nos conta de que é preciso estar em harmonia com a natureza (PAZ, 1999:232/233).

Considerações Finais... em tempo de recomeçar

Este modo de pensar, de que nos fala Paz, está a denunciar o surgimento de um conjunto de mudanças lentas, recorrentes, fragmentadas, porém, significativas e denunciadoras de novas sensibilidades, de novos fragmentos subjetivos, nos quais, o afetivo, o não apenas racional, passa a ocupar um papel relevante e instituinte de novas relações entre os seres humanos e destes com tudo o mais que existe no universo. Uma dessas formas emergentes de pensar e viver é, justamente, uma nova relação com os espaços de tempo passado, presente e futuro. Nessa nova relação, a representação do presente assume outro papel. Nela, o presente, o aqui e o agora, passam a ser aquilo que tem um valor e uma urgência inadiáveis. Há que se viver este presente e este agora. Há, em função disto, também, a necessidade de cuidar deste presente e deste aqui, deste local. Esta atitude não tem nada a ver com um novo edonismo, muito menos com a defesa do egoísmo. Ao contrário, é a tentativa de, em viver e cuidar do agora e do local, garantir a utopia de um futuro e um lugar local e planetário possíveis de serem vividos e visitados... ou não...

Encaminho-me para o final deste ensaio dizendo que a idéia do diálogo entre os diferentes/contrários e/ou extremos; do caminho através dos paradoxos da vida presentes no pensamento de Paz, pode ser uma alternativa muito criativa para repensarmos nossas práticas e representações em relação ao processo educativo em geral e, em especial, para a busca de caminhos outros para as nossas práticas pedagógicas em educação ambiental, cujos caminhos podem ser construídos através da (re)descoberta do presente. Da busca da presença do(a) outro(a), daqueles e daquelas que estão ao lado, atrás e à nossa frente, mas que desejam estar presentes junto a nós, descobrindo, assim, um novo tipo de solidariedade. Inventando uma nova fraternidade que, para Paz (1999), deverá estar baseada muito mais no erotismo, na não-eternidade, na paz e no amor.

Nesse sentido, é que percebo uma afinidade muito grande entre as idéias pazianas e aquilo que sempre defendeu o movimento ecologista, na sua vertente democrática e libertária da década de 60: um questionamento radical ao modo de vida de homens e mulheres no planeta-Terra.

Referências

- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T.A. Queirós, 2000.
- DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. Lisboa: Século XXI, 2000.
- DERRIDA, J. **Margens da Filosofia**. Campinas: Papyrus, 1991.
- MACIEL, M.E. **A palavra inquieta**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____. **As vertigens da lucidez**. Poesia e crítica em Octávio Paz. São Paulo: Experimento, 1995.
- PAZ, O. **Itinerário**. México: Fondo de Cultura Económico, 1994.
- _____. **Obras Completas**. V. III. México: Fondo de Cultura Económico, 1994. 15 v.
- _____. **Obras Completas**. V. X. México: Fondo de Cultura Económico, 1994. 15 v.
- _____. **Obras Completas**. V. IX. México: Fondo de Cultura Económico, 1994. 15 v.
- _____. **Obras Completas**. V. VIII. México: Fondo de Cultura Económico, 1994. 15 v.
- _____. **Obras Completas**. V. XI. México: Fondo de Cultura Económico, 1994. 15 v.
- _____. **Obras Completas**. V. II. México: Fondo de Cultura Económico, 1994. 15 v.
- _____. **Obras Completas**. V. I. México: Fondo de Cultura Económico, 1994. 15 v.
- _____. **Obras Completas**. V. V. México: Fondo de Cultura Económico, 1994. 15 v.
- _____. **Obras Completas**. V. VI. México: Fondo de Cultura Económico, 1994. 15 v.
- _____. **Vislumbres da Índia: um diálogo com a condição humana**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro. Mandarim, 1999.
- PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **A nova aliança**. São Paulo: EDUSP, 1991.

